



DOCUMENTO PARA O CAMINHO

em direcção á Assembleia Eclesial da
América Latina e do Caribe

TODOS SOMOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS
EM SAÍDA



**ASAMBLEA
ECLESIAL**
DE AMÉRICA LATINA
Y EL CARIBE

PORTUGUÊS

Conteúdo

INTRODUÇÃO.....	4
I.A VIDA DOS NOSSOS POVOS NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE (VER).....	6
A. Alguns aspectos da realidade que nos desafiam como discípulos missionários neste momento da história.....	6
1. A realidade sociocultural.....	7
a) A pandemia da COVID-19, sinal de uma mudança de época.....	7
b) Um modelo económico e social que se volta contra os seres humanos.....	8
c) Exclusão crescente, cultura do descarte e práticas de solidariedade.....	10
d) Escutar o grito da terra cuidando da nossa casa comum.....	10
e) A crescente violência nas nossas sociedades.....	11
f) Tendo em conta as grandes lacunas na educação, é necessário um “Pacto Educativo Global”.....	11
g) Os migrantes são os novos pobres.....	13
h) Povos indígenas e afrodescendentes: para uma cidadania plena na sociedade e na Igreja.....	14
i) A globalização e a democratização da comunicação social.....	15
j) Informação transbordante, conhecimentos fragmentados e a urgência de uma visão integradora.....	16
2. A realidade da nossa Igreja no hoje na nossa história.....	17
a) Uma secularização que está avançando em vários países da América Latina e do Caribe.....	17
b) Um crescimento cada vez maior das igrejas evangélicas e pentecostais no nosso continente.....	17
c) O desafio de um maior desenvolvimento da pastoral urbana.....	18
d) Os jovens como atores sociais e gestores da cultura.....	19
e) As mulheres e o desafio da sua plena participação na sociedade e na Igreja	20
f) Abuso sexual na Igreja.....	22

g) Clericalismo, um grande obstáculo para uma Igreja sinodal	23
h) Em direção a uma Igreja itinerante e sinodal, caminhando por novos caminhos.....	24
II. DO ENCONTRO COM JESUS CRISTO, A VIDA DOS NOSSOS POVOS É ILUMINADA (ILUMINAR).....	25
A. Lemos os sinais dos tempos como discípulos missionários.....	25
1. Crescer no seguimento de Jesus.....	26
B. Como discípulos missionários, estamos ao serviço da vida.....	27
2. A missão, um movimento “em saída”.....	28
3. Evangelização, promoção humana e libertação autêntica.....	30
III. NO CAMINHO DA CONVERSÃO PESSOAL, COMUNITÁRIA E SOCIAL (AGIR).....	32
A. Como discípulos missionários, somos chamados a percorrer novos caminhos.....	32
1. O apelo a uma ecologia integral.....	32
2. Para uma economia solidária, sustentável e ao serviço do bem comum.....	33
3. Discípulos comprometidos com uma cultura de paz.....	35
4. As novas tecnologias, as suas grandes contribuições e os seus riscos.....	36
5. Em direcção a uma maior interculturalidade e inculturação.....	37
6. Velar pela democracia, que ainda é frágil nos nossos países.	37
7. Rumo a uma renovação eclesial.....	38
CONCLUSÃO	40

INTRODUÇÃO

1. Com o lema “Somos todos discípulos missionários em saída”, somos chamados a iniciar juntos um caminho em direção à Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e das Caribe. Fazemo-lo como Povo de Deus, em comunhão com o Papa Francisco, que no seu vídeo-mensagem de 24 de janeiro de 2021 nos encorajou a percorrer este caminho: *“Quero estar convosco neste momento e na preparação até novembro... é a primeira vez que isto se faz... Acompanho-vos com as minhas orações e bons votos, avançai com coragem!”* Assim, a nossa Assembleia não é apenas de bispos ou de uma elite, como o Santo Padre também menciona: *“elites iluminadas de uma ideologia ou de outra”*, mas de todo o Povo de Deus. Daí o seu carácter sinodal, que significa literalmente “caminhar juntos”: leigos, leigas, religiosos e religiosas, diáconos, seminaristas, sacerdotes, bispos e todas as pessoas de boa vontade que desejam fazer parte deste caminhar em comunidade.

2. A Assembleia Eclesial terá lugar de 21 a 28 de novembro de 2021, sob o olhar amoroso de Nossa Senhora de Guadalupe, na Cidade do México. Devido ao seu carácter sinodal, o Papa Francisco lembra-nos também que todos e todas somos Povo de Deus: *“”* (vídeo-mensagem de 24 de janeiro de 2021). Assim, em preparação para a Assembleia, viveremos um amplo processo de escuta para discernir juntos a vontade de Deus e o apelo que Ele nos faz como Igreja nesta região do mundo, 14 anos após a V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, realizada em Aparecida (Brasil), e no horizonte de duas celebrações fundadoras: os 500 anos do Evento Guadalupano, (2031), e os 2000 anos do Evento Redentor de Jesus Cristo (2033).

**“SOMOS TODOS DISCÍPULOS
MISSIONÁRIOS EM SAÍDA”**



3. No nosso itinerário para 2031, recordemos que Nossa Senhora de Guadalupe encontrou Juan Diego, representante dos povos originários e de todos os pobres e marginalizados nas diversas culturas e sociedades da América Latina e do Caribe, para ser o seu mensageiro ao serviço da transmissão da fé, bem como da comunhão e da solidariedade entre todos os povos desta terra. Ao mesmo tempo, o caminho para 2033 ajudar-nos-á a recordar que Jesus se entregou na cruz, reconciliando-nos com o Pai e uns com os outros, membros de diferentes culturas e realidades sociais, pois *“Ele fez os dois povos um só, derrubando o muro de divisão da inimizade”* (Ef 2,14) com amor sem limites, unindo-nos e enviando-nos como missionários em saída para que os nossos povos tenham vida N´Ele.

4. Caminhemos em direção a esta Assembleia Eclesial com plena consciência de que estamos entrando num tempo de oração e de escuta do Espírito, que nos ajudará a reconhecer os sinais dos tempos em comunidade (cf. EG 14). É uma ocasião para praticar a leitura orante da Palavra de Deus e para nos escutarmos uns aos outros, na certeza de que o Espírito Santo está presente, trabalhando no nosso meio, falando às Igrejas (cf. Ap 3,11) e transformando-nos numa comunidade atenta à voz de Deus, que devemos aprender a discernir num contato experiencial com a sua Palavra e com a nossa história.



5. Em continuidade com as Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano, desde Medellín até *Aparecida*, utilizamos neste documento o método pastoral de “ver”, “julgar” ou “iluminar” e “agir”, como indica o Documento Conclusivo de *Aparecida*: *“este método implica em contemplar a Deus com os olhos da fé através de sua Palavra revelada e o contato vivificador dos Sacramentos, a fim de que, na vida cotidiana, vejamos a realidade que nos circunda à luz de sua providência e a julguemos segundo Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, e atuemos a partir da Igreja, Corpo Místico de Cristo e Sacramento universal de salvação, na propagação do Reino de Deus”* (DA 19).

6. Esperamos que estas reflexões sejam uma ajuda para o diálogo e o discernimento pessoal e comunitário, suscitando muitas contribuições do Povo de Deus na escuta mútua e nas deliberações comuns em preparação da nossa Primeira Assembleia Eclesial. Juntamente com Maria de Guadalupe iniciamos este caminho, na certeza de que ela nos ajudará a crescer na nossa vocação batismal, para que todos possamos ser discípulos missionários em saída.

I. A VIDA DOS NOSSOS POVOS NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE (VER).

A. Alguns aspectos da realidade que nos desafiam como discípulos missionários neste momento da história.

7. Devemos olhar para os sinais dos tempos com os olhos da fé (cf. DA 19) de tal forma que o seu discernimento nos leve a uma proposta capaz de “chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de

pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação” (EN 19). Com este pano de fundo apresentamos alguns sinais dos tempos que hoje impactam a vida dos nossos povos.



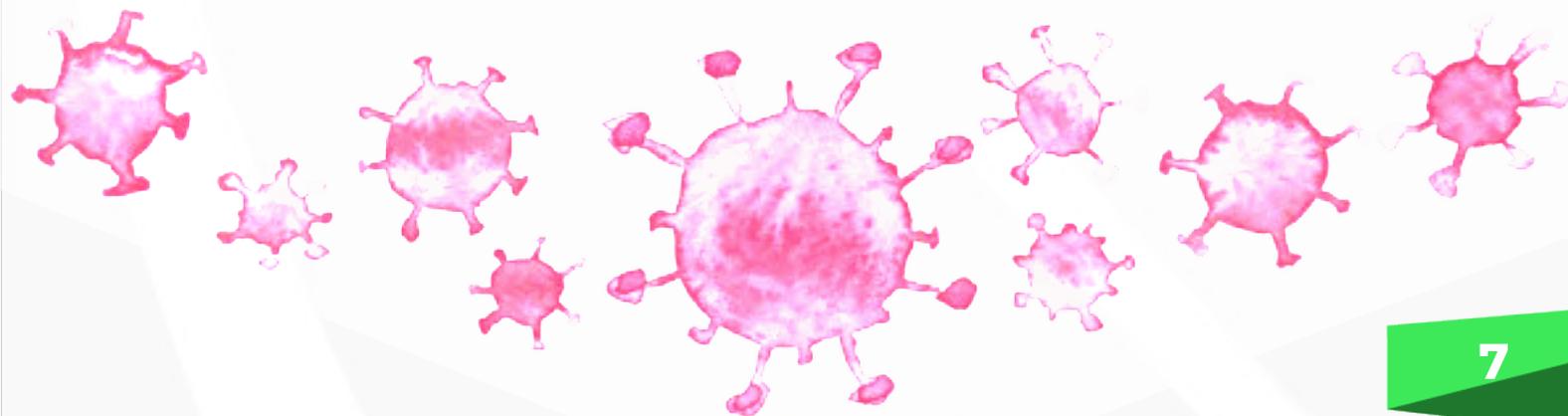
1. A realidade sociocultural.

a) A pandemia da COVID-19, sinal de uma mudança de época.

8. A pandemia da COVID-19 espalhou-se rapidamente a nível global, ao mesmo tempo que “a América Latina e o Caribe se tornou uma das áreas críticas” (Comissão Económica para a América Latina e o Caribe, CEPAL). Por seu lado, o Papa Francisco, no momento extraordinário de oração de 27 de março de 2020, falando da pandemia e da tempestade que desencadeou, disse: “*desmascararam a nossa vulnerabilidade e puseram a nu as falsas e supérfluas garantias com que tínhamos construído as nossas agendas, os nossos projetos, rotinas e prioridades*”, mostrando-nos também “*como tínhamos abandonado o que alimenta, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade*”. Embora seja verdade que na pandemia todos nos sentimos frágeis e desorientados, é igualmente verdade que as pessoas que vivem na pobreza e na extrema pobreza têm sido e são as mais afetadas.



9. Na nossa região, a pandemia revelou com grande força os graves problemas que temos sofrido durante décadas: a grande desigualdade de rendimentos nas nossas sociedades, as condições insalubres para uma vida digna, o difícil acesso a serviços de saúde e educação de qualidade, a impossibilidade de água potável, esgoto e eletricidade, bem como o problema da discriminação e exclusão de milhões de pessoas. Estas e outras desigualdades sociais expõem os



pobres a maiores riscos de contágio, por exemplo, devido à falta de água, é muito difícil para eles praticar medidas sanitárias como a lavagem frequente das mãos. Além disso, a maioria dos pobres urbanos vive em condições de grande aglomeração, o que lhes dificulta a manutenção da distância social necessária para evitar a infeção. A pandemia marca uma pausa e uma mudança época, desafiando-nos finalmente a dar passos concretos e decisivos para uma “revolução

cultural corajosa” (LS114), ou seja, uma grande transformação da nossa cultura em direção a um modo de vida que seja sustentável do ponto de vista ecológico, social, económico, político e cultural. A palavra que Deus então dirigiu ao povo de Israel é-nos dirigida hoje: *“Dou-vos a escolha entre a vida e a morte, entre a bênção e a maldição. Escolhe a vida para que tu e os teus descendentes possam viver”* (Dt 30:19).

b) Um modelo económico e social que se volta contra os seres humanos.

10. O nosso sistema económico atual põe em perigo os fundamentos da vida e da coexistência humana justa e pacífica no nosso planeta. Não só o Papa insiste nisto em numerosos pronunciamentos, mas também vários economistas que participaram numa reunião convocada no Vaticano em fevereiro de 2020, como o vencedor do Prémio Nobel da Economia em 2001, Joseph Stiglitz, que disse no seu discurso que o sistema capitalista está numa crise que engloba vários aspectos sociais, morais e ecológicos.

11. Isto está em total acordo com o Santo Padre que enfatiza na sua encíclica Fratelli Tutti e noutras mensagens que o atual modelo económico não é sustentável e que precisamos urgentemente de um novo modelo. Para isso, como Igreja, somos chamados a gerar alianças com diversos

atores da sociedade. O próprio Papa deu-nos o exemplo de chamar muitas pessoas a nível mundial, especialmente os jovens, ao encontro chamado “A Economia de Francisco”, para trabalharem juntos por uma economia ao serviço da vida, baseada numa ecologia integral inspirada nos valores do Evangelho, como praticada de forma exemplar por São Francisco de Assis. O





UNA ECONOMÍA CON ALMA – ECONOMÍA DE FRANCISCO: CAMINO A ASÍS

TRABALHAREM JUNTOS POR UMA ECONOMIA AO SERVIÇO DA VIDA, BASEADA NUMA ECOLOGIA INTEGRAL INSPIRADA NOS VALORES DO EVANGELHO.

Papa convidou todos os jovens, também na nossa América Latina e Caribe, através das suas pesquisas, estudos ou trabalhos relacionados com a prática da economia, a estarem conscientes de que é urgentemente necessária outra narrativa económica para *“ter um impacto concreto nas suas cidades e universidades, empregos e sindicatos, empresas e movimentos, cargos públicos e privados, com inteligência, empenho e convicção, para alcançar o núcleo e o coração onde narrativas e paradigmas são desenvolvidos e decididos”*¹. recordando-lhes que não devem ficar de fora onde se gesta o presente e o futuro.

12. A América Latina e o Caribe é definitivamente a região com a maior desigualdade, onde vários modelos económicos foram experimentados que corroeram a qualidade de vida das pessoas e o futuro das novas gerações. É urgente conceber novas propostas económicas que tenham em conta a pessoa como centro da sua preocupação, com um sentido puramente humano, baseado também na nossa responsabilidade de cuidar da terra e da nossa casa comum em favor do povo e não para lucro e acumulação.

¹ Vídeo mensagem do Papa Francisco no Encontro Internacional na ideia “A Economia de Francisco”. Basílica de São Francisco de Assis, 19-21 de novembro de 2020.

c) Exclusão crescente, cultura do descarte e práticas de solidariedade.

13. Estamos aflitos com “as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra e a casa, a negação dos direitos sociais e laborais” (FT 116). O compromisso com a justiça e a solidariedade exige “pensar e agir em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns” (FT 116). É um sinal encorajador que nas últimas décadas e em

muitas partes da Igreja na América Latina e no Caribe, múltiplas redes de solidariedade têm crescido, além disso, neste período difícil da pandemia, foram forjadas com muita criatividade iniciativas de solidariedade valiosas para cuidar da saúde e da vida dos mais frágeis e vulneráveis, especialmente para tantas pessoas em condições de pobreza e sem um rendimento estável, bem como para muitos idosos que vivem sozinhos.

d) Escutar o grito da terra cuidando da nossa casa comum.

14. A pandemia mostrou muito claramente que não é possível ter uma vida saudável numa terra doente, tão saqueada e ecologicamente cada vez mais danificada e desequilibrada, onde as alterações climáticas também estão avançando a um ritmo acelerado. Como consequência, desastres naturais como furacões e inundações estão aumentando em algumas regiões, e pelo contrário, secas prolongadas e falta de água noutras zonas. Os pobres e mais vulneráveis, particularmente as mulheres, as crianças e os idosos, são os mais afeitos, uma vez que as suas vidas e saúde estão em risco. Muitos dos pobres são despojados de



tudo o que têm e forçados a viver na miséria. Como discípulos missionários, somos chamados a ouvir o grito dos pobres e o clamor da terra.

e) A crescente violência nas nossas sociedades.

15. Na América Latina e no Caribe observamos um aumento da violência nas várias esferas da sociedade, exercida por grupos armados e cada vez mais ligada ao crime organizado e às várias máfias. Globalmente, a nossa região tem o maior número de ambientalistas assassinados, empenhados na defesa dos direitos coletivos ao território, que são frequentemente vítimas de graves violações dos direitos humanos enquanto defendem a terra, as florestas e os rios contra os danos ambientais. Os conflitos mineiros aumentaram muito, incluindo os causados pela mineração informal e pelo petróleo, bem como pela expansão das agroindústrias. Também em muitas cidades, os níveis de agressão, de violência no trânsito de veículos, e especialmente a violência intrafamiliar durante o estrito confinamento causado



pela pandemia, em que muitas crianças e mulheres ficaram desamparadas e sem qualquer tipo de ajuda. A violência contra as mulheres de diferentes culturas e setores sociais, vítimas de múltiplas injustiças, atos de violência e abusos, incluindo o femicídio, tem aumentado de forma alarmante.

f) Tendo em conta as grandes lacunas na educação, é necessário um “Pacto Educativo Global”.

16. “A América latina e o Caribe vivem uma particular e delicada emergência educativa” (DA 328), como foi salientado no Documento de Aparecida, e agora, 14 anos após esse grande evento eclesial e no meio de uma pandemia, o profundo fosso educativo já existente alargou-se ainda mais. Um grande número de crianças, adolescentes e jovens perderam praticamente o ano escolar ou interromperam os seus estudos

por falta de recursos e acesso à internet para acompanharem virtualmente as aulas, vendo assim o seu futuro como muita incerteza. Por esta razão, o Papa Francisco apelou ao estabelecimento de um “Pacto Educativo Global”, sublinhando que num momento “*de extrema fragmentação é necessário unir esforços para realizar uma aliança educacional que forme pessoas*



*maduras, capazes de viver em sociedade e para a sociedade*². O Pacto tem como um dos seus principais objetivos promover a educação para a solidariedade universal e um novo humanismo, no meio de uma mudança de época que tomou força com a pandemia, e na qual o Papa procura criar uma maior consciência porque “*não podemos fazer uma mudança sem educar para essa mudança*”³, que deve se dar necessariamente também na nossa relação

2 Vídeo-mensagem do Papa Francisco por ocasião do lançamento do Pacto Educativo, 12 de setembro de 2019.

3 Ibid.

com a terra, portanto, o Pacto Educativo Global deve incluir uma aliança entre os habitantes da casa comum, à qual devemos cuidado e respeito.

17. O Pacto visa também a educação para a paz, justiça, amizade social e

fraternidade entre todos os povos da terra, bem como para o diálogo entre as várias religiões e culturas. O Papa apelou às instituições educacionais na Igreja Católica e nas outras Igrejas cristãs, bem como nas várias sociedades. Também das nossas múltiplas instituições educacionais na América Latina e Caribe, somos chamados a aderir a este Pacto Educativo Global juntamente com muitas outras pessoas, partilhando as nossas grandes experiências educacionais com as populações mais marginalizadas e empobrecidas da nossa região.



**“A AMÉRICA LATINA E O CARIBE VIVEM UMA PARTICULAR E DELICADA EMERGÊNCIA EDUCATIVA”
(DA 328)**

g) Os migrantes são os novos pobres.

18. Entre as pessoas mais afetadas pela grave crise ecológica, climática e social nos países do nosso subcontinente encontram-se os migrantes. Muitos expõem-se a riscos elevados para as suas vidas, segurança e saúde ao migrarem para outro país porque não veem um futuro viável para si próprios e para as suas famílias no seu local de origem. Nos países onde chegam, há lugares onde encontram acolhimento e solidariedade. Mas em mais do que alguns lugares estão cada vez mais expostos à rejeição e ao tratamento hostil. Esta realidade é exacerbada pela pandemia e o seu impacto na economia precária de tantas pessoas nos países da nossa região. Certamente, os migrantes estão entre as pessoas mais vulneráveis das nossas socie-

dades. O Papa Francisco diz-nos em *Fratelli tutti* que a nossa relação com eles mostra se a nossa afirmação cristã de que todos nós somos irmãos e irmãs “se encarna” (cf. FT 128). Também aqui somos testados sobre se realmente assumimos o compromisso de “*acolher, proteger, promover e integrar*” (FT 129) os migrantes como nossos irmãos e irmãs, e os complexos desafios que este compromisso de solidariedade nos apresenta (cf. FT 129). Recordemos as palavras de Jesus que se identifica com as pessoas mais vulneráveis quando diz no juízo final: “*Eu era um forasteiro e vocês acolheram-me... Digo-vos a verdade, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos e irmãs mais pequenos, a mim o fizestes*” (Mt. 25,35.40).



h) Povos indígenas e afrodescendentes: para uma cidadania plena na sociedade e na Igreja.

19. Em *Aparecida*, os membros dos povos indígenas e afro-americanos foram reconhecidos como “novos sujeitos” que “*emergem na sociedade e na Igreja*” (DA 91). Este fato foi considerado como um “kairos” para aprofundar o encontro da Igreja com estes povos. Nessa altura, percebeu-se muito claramente que os povos originários e os povos afrodescendentes exigiam “*o reconhecimento pleno de seus direitos individuais e coletivos, serem levados em consideração na catolicidade com sua cosmovisão, seus valores e suas identidades particulares, para viver um novo Pentecostes eclesial*” (DA 91). Recentemente, desde a escuta aos povos durante o Sínodo da Amazônia, este fato continua sendo um “kairos” que nos impele a relacionarmos-nos como iguais com estes irmãos e irmãs em toda a América Latina e Caribe, respeitando

a sua história, as suas culturas e o seu estilo de bem viver, superando as mentalidades e práticas coloniais onde ainda estão presentes e fazendo nosso o compromisso da Igreja na Amazônia que rejeita uma evangelização ao estilo colonialista. Além disso, o Papa Francisco pede-nos como Igreja que promovamos o diálogo social (cf. QA 26) não só com os povos indígenas, mas também com os afrodescendentes e os camponeses, que numa mesa de pares “*são os principais interlocutores, dos quais primeiro devemos aprender, a quem temos de escutar por um dever de justiça e a quem devemos pedir autorização para poder apresentar as nossas propostas. A sua palavra, as suas esperanças, os seus receios deveriam ser a voz mais forte em qualquer mesa de diálogo*” (QA 26) sobre os seus respectivos territórios.



i) A globalização e a democratização da comunicação social.



municação social que prestem independentemente contas do que é produzido tanto pelos meios de comunicação social privados como públicos. Além disso, há uma necessidade urgente de reforçar as práticas jornalísticas, assegurando a liberdade real da imprensa.

20. Hoje em dia existe uma preocupação sobre o crescente controle e manipulação da informação através dos meios hegemónicos. Estes tendem a diminuir a pluralidade e diversidade na informação e comunicação, para além de favorecerem o mercado e as grandes empresas transnacionais, uma vez que *“a mídia pode ser independente dos governos, mas nunca será independente dos seus interesses económicos e políticos”*⁴. É, portanto, urgente promover a democratização da comunicação através do fortalecimento da formação de diversos meios de comunicação que sejam públicos e desmonopolizar o controle exercido por alguns grupos de poder. Ao mesmo tempo, há necessidade da formação de audiências críticas e da criação de observatórios dos meios de co-

⁴ Anahi Macaroff . ¿Es posible democratizar la comunicación? Debates sobre los medios públicos y privados en Ecuador, 2010.

21. Desta forma, podemos desenvolver ainda mais o potencial da comunicação, especialmente através dos meios digitais que, durante a pandemia, estão reforçando a globalização da solidariedade e da esperança, permitindo a troca de informações, testemunhos de boas práticas e conteúdos de formação em tempo real e tornando possível uma proximidade emocional apesar do isolamento físico. Somos testemunhas de como o digital permite uma interaprendizagem entre pessoas de diferentes contextos sociais e culturais, além de ser um espaço onde os mais jovens abrem as portas da comunicação aos mais velhos, reforçando assim o laço intergeracional. Tudo isto como uma contribuição para a democratização da comunicação social, tão necessária na América Latina e no Caribe.

j) Informação transbordante, conhecimentos fragmentados e a urgência de uma visão integradora.

22. O mundo globalizado apresenta um desafio sem precedentes que está batendo à porta dos nossos povos. A eficiência dos procedimentos alcançados através da informação, mesmo com as tecnologias mais desenvolvidas do nosso tempo, não pode satisfazer o anseio de dignidade inscrito na parte mais profunda da vocação humana. Por esta razão, não basta supor que a mera diversidade de pontos de vista, de opções e, finalmente, de informação, normalmente chamada de pluri ou multiculturalismo, resolverá a ausência de um significado para tudo o que existe (cf. DA 42). A pessoa humana é, na sua própria essência, aquele lugar da natureza onde

a variedade de significados convergem numa única vocação de significado. Por esta razão, o acesso à informação através dos diferentes meios digitais coloca-nos face a face com o paradoxo de que o excesso de informação tende a fragmentar a realidade quando procuramos compreendê-la, mas não consegue rearticular o conjunto das relações entre os diferentes campos do conhecimento (cf. QA 44) e confunde-nos na procura de sentido. O problema não é a diversidade, mas a incapacidade de reunir todos estes significados da realidade num entendimento integrador que nos permita exercer a liberdade com discernimento e responsabilidade.



2. A realidade da nossa Igreja no hoje na nossa história.

a) Uma secularização que está avançando em vários países da América Latina e do Caribe.

23. A secularização não é apenas um fenómeno dos países europeus, mas também da América Latina e do Caribe. Isto não é algo novo, uma vez que o Documento Conclusivo de *Aparecida* já advertia sobre «*sérias tendências de secularização*» (DA 219), afirman-

do também as situações dos nossos povos que vivem “*no ambiente de secularização*” (DA 264). Mais de uma década após *Aparecida*, este fenómeno progrediu significativamente, e pode ser visto como muito presente especialmente entre adolescentes e jovens.

MUITOS SABEM MUITO POUCO SOBRE A FÉ CRISTÃ PORQUE JÁ NÃO É TRANSMITIDA NAS SUAS FAMÍLIAS

24. Muitos sabem muito pouco sobre a fé cristã porque já não é transmitida nas suas famílias, outros pertencem a famílias em que os avós, e por vezes os pais, ainda praticam ativamente a fé cristã, mas os adolescentes e os jovens já vivem com grande indiferença para com ela, bem como para com as questões de religião em geral. Por vezes existe uma atitude muito crítica em relação à Igreja Católica, que é vista como pouco aberta a novos desenvolvimentos na ciência

e numa sociedade diversificada, muito conservadora e pouco aberta ao diálogo. Em várias sociedades latino-americanas e caribenhas pode observar-se que “*o processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo*” (EG 64) e que não é raro entre os jovens haver “*uma desorientação generalizada*” (EG 64). Muitos têm as suas próprias comunidades fora da Igreja, nas quais partilham as suas buscas e forjam os seus projetos de vida.

b) Um crescimento cada vez maior das igrejas evangélicas e pentecostais no nosso continente.

25. Os dados fornecidos por vários estudos indicam um declínio acentuado do número

de católicos, bem como a emigração de muitos deles para outras realidades eclesiais.

O documento conclusivo de Aparecida já falava do “êxodo de fiéis para seitas e outros grupos religiosos” (DA 185). Desde 2007 até hoje tem havido um crescimento rápido e sempre crescente das igrejas evangélicas e pentecostais em toda a América Latina e no Caribe. Este fato foi também um tema nos vários momentos de “escuta” das comunidades no processo preparatório para o Sínodo da Amazônia. Muitas pessoas

comentaram o forte crescimento das igrejas evangélicas em toda a região e, mesmo nas áreas mais remotas, observaram ao mesmo tempo que a presença das comunidades católicas está diminuindo cada vez mais. Este é um sinal dos nossos tempos que nos desafia a colocar-nos a questão: o que é que as pessoas procuram noutras igrejas? porque é que não o encontram na Igreja Católica? o que é que está a faltando?

c) O desafio de um maior desenvolvimento da pastoral urbana.

26. A Conferência Geral dos Bispos da América Latina e Caribe em Aparecida reconheceu o desafio colocado pelas “grandes cidades” como “laboratórios dessa cultura contemporânea complexa e plural” (DA 509). Propôs e recomendou “uma nova pastoral ur-

bana que responda aos grandes desafios da crescente urbanização” (DA 517). A Assembleia Eclesial é um momento importante para discernir como estamos assumindo este desafio e onde nos encontramos neste processo. Catorze anos após Aparecida, po-



demos observar que as cidades da nossa região são cada vez mais pontos de encontro de culturas diversas e muitas vezes antagônicas. O que os bispos afirmaram em Aparecida continua sendo válido uma vez que neles «*coexistem binômios que a desafiam cotidianamente: tradição- modernidade; globalidade-particularidade; inclusão-exclusão; personalização-despersonalização; linguagem secular-linguagem religiosa; homogeneidade-pluralidade, cultura urbana-pluri-multiculturalismo*» (DA 512).

27. Nas cidades, novas culturas continuam sendo forjadas com novas linguagens e simbologias (cf. DA 510). No meio das complexidades, desigualdades, angústias e sofrimento, da vida pulsante e do potencial da cidade, Deus está presente. Pela fé podemos afirmar que “*Deus vive na cidade*” (DA 514) mas temos de o procurar e descobrir a sua presença nos diversos ambientes

e nas diferentes realidades da cidade. Em várias cidades da nossa região há interessantes e novos projetos de pastoral urbana que procuram abraçar diferentes impulsos pastorais propostos por Aparecida como, por exemplo, o impulso de estar aberto “*a novas experiências, estilos e linguagens que possam encarnar o Evangelho na cidade*” (DA 517 d) e de “*transformar as paróquias cada vez mais em comunidades de comunidades*” (DA 517 e). É necessário conhecer mais amplamente os passos dados na exploração de novos caminhos na pastoral urbana, as experiências e os frutos pastorais que estão surgindo para se inspirar mutuamente e para fomentar aprendizagens comuns no discernimento da situação pastoral na cidade. O caminho para a Assembleia Eclesial pode ser um momento muito propício para partilhar as nossas experiências, buscas e desafios no ministério urbano.

d) Os jovens como atores sociais e gestores da cultura.

28. Entre os diferentes rostos da Igreja na América Latina e no Caribe, o dos jovens destaca-se acima de tudo. O que o Sínodo da Amazônia afirmou para a Igreja na região Pan-Amazônica também é válido para a

Igreja em todo o subcontinente: é uma Igreja com um rosto jovem. Como discípulos missionários somos chamados a empenharmos na promoção humana e na defesa dos direitos dos jovens, especialmente

ENTRE OS DIFERENTES ROSTOS DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE, O DOS JOVENS DESTACA-SE ACIMA DE TUDO

daqueles que vivem em situações de grande vulnerabilidade, expostos ao perigo de sofrer vários tipos de violência.

29. Atualmente, a grande maioria dos jovens, tanto em contextos rurais como urbanos,

vive em condições muito precárias e, devido à pandemia, vê o seu futuro como muito incerto. Além disso, muitos deles não têm atualmente os recursos para continuar a sua educação e outros em idade ativa estão desempregados.

e) As mulheres e o desafio da sua plena participação na sociedade e na Igreja.

30. Desde *Aparecida*, nas várias sociedades da América Latina e do Caribe, o número de mulheres, particularmente mulheres jovens, que exigem uma participação plena não só na sociedade mas também na Igreja, tem crescido ainda mais. Este foi também um pedido explícito do Sínodo da Amazônia que foi aceito no Documento Final onde se afirma: “É necessário que

a Igreja assuma em seu seio com maior força a liderança das mulheres, e que as reconheça e promova, fortalecendo sua participação nos conselhos pastorais das paróquias e dioceses, inclusive nas instâncias de governo” (SA DF 101). Esta necessidade existe não só nas Igrejas locais da Amazônia, mas em toda a América Latina e Caribe.





31. O Sínodo da Amazônia apontou mais novas formas de encorajar uma maior participação das mulheres em várias esferas eclesiais que são também muito relevantes para a Igreja na nossa região: pensar criativamente em novos ministérios, por exemplo, um ministério instituído de “mulher dirigente da comunidade” (SA DF 102). Em muitas comunidades cristãs da Igreja Católica as mulheres, especialmente as religiosas, já estão prestando este ministério não ordenado. Por conseguinte, foi solicitado no Sínodo que este ministério fosse formalmente reconhecido como tal. O Papa Francisco acolheu este pedido na Querida Amazônia, recordando que “serviços eclesiais que não requeiram a Ordem sacra [...] implicam uma estabilidade, um reconhecimento público e um envio por parte do bispo” (103). Durante o Sínodo foi expressa a necessidade de proporcionar

a mais mulheres uma formação sólida na Bíblia e teologia, também a nível académico, e de incluir mais mulheres com qualificações correspondentes na formação teológica, espiritual e integral de seminaristas e sacerdotes, bem como no ensino teológico, investigação e publicações em faculdades teológicas e outros campos eclesiais. O Papa também respondeu ao pedido do Sínodo para um estudo mais aprofundado da questão do diaconato feminino instalando a nova Comissão de Estudo sobre o diaconato feminino. Outro passo importante foi que em janeiro deste ano estabeleceu num “motu proprio” que a partir de agora os ministérios do Leitor e do acólito estão também abertos às mulheres, de forma estável e institucionalizada. Na prática, isto já está a acontecer em muitas comunidades, pelo que é significativo que estes ministérios já estejam institucionalizados.

f) e) Abuso sexual na Igreja.

32. Em vários países da América Latina e do Caribe, não só na sociedade, mas também na Igreja Católica, tem havido numerosos relatos de abuso sexual de menores, bem como de adultos de ambos os sexos. Em particular, a profunda afetação da dignidade dos menores e das pessoas vulneráveis nos aflige muito. Na nossa Igreja, os abusos foram cometidos por padres e pessoas consagradas em ambientes eclesiais. A maioria dos casos não foi tratada adequadamente, ou não houve um procedimento eficaz e transparente para esclarecer o que aconteceu e garantir justiça às vítimas. Isto afetou profundamente a confiança na Igreja e a sua credibilidade. Este sinal chocante requer uma resposta decisiva a fim de proclamar com credibilidade, em palavras e atos, o Deus que cuida da vida de todas as pessoas, particularmente das mais vulneráveis e indefesas.

33. É um sinal encorajador que em muitas dioceses, Conferências Episcopais,

Conferências de Religiosos e Religiosas, instituições eclesiais e educacionais a nível nacional e regional, existe um verdadeiro arrependimento e uma percepção da necessidade de profunda conversão. Foram tomadas medidas significativas para quebrar os silêncios e as redes de cumplicidade que levaram ao encobrimento dos fatos; foram elaborados protocolos para a proteção de menores e pessoas vulneráveis, bem como procedimentos detalhados a serem seguidos na recepção de denúncias e na investigação de alegados abusos sexuais. Foram realizados estudos sobre as causas dos abusos em vários países. Os resultados estão sendo tidos em conta no desenvolvimento de programas de formação e na criação de uma cultura de proteção e cuidados para crianças e pessoas vulneráveis. Em várias dioceses, já foram estabelecidos centros de escuta das vítimas. Somos desafiados a continuar pelos caminhos de conversão que já começaram.



g) Clericalismo, um grande obstáculo para uma Igreja sinodal.

34. O clericalismo não é um fenômeno novo na nossa Igreja na América Latina e Caribe; é antes uma das suas mais fortes deformações, como afirma o Papa Francisco, que o considera *“uma tentação permanente dos sacerdotes, que interpretam «o ministério recebido mais como um poder a ser exercido do que como um serviço gratuito e generoso a oferecer» (CV 98). Para o Papa, o clericalismo é a raiz de muitos males na Igreja e um grande obstáculo no caminho para uma Igreja sinodal, porque leva a esquecer a verdade de que todos nós partilhamos a graça do batismo e o dom do Espírito e por isso somos todos membros do Povo de Deus. Vale a pena recordar que “entramos todos na Igreja como leigos”, desde o primeiro sacramento que recebemos e que “sela a nossa identidade para sempre é o batismo” (CV 98).*

35. Como enfatizado no Sínodo da Amazônia, ao reconhecer plenamente a sinodalidade como uma dimensão constitutiva da Igreja, somos instados a fazer um caminho de

conversão a fim de *“superar o clericalismo e as imposições arbitrárias” (SA DF 88). Desta forma evitamos um possível dano que pode causar, ou seja, extinguir pouco a pouco “o fogo profético que toda a Igreja é chamada a testemunhar no coração do seu povo” (SA DF 88). Todos os membros do Povo de Deus são chamados a empreender caminhos de conversão, porque o clericalismo não é apenas uma tentação para os padres, mas também para os bispos, religiosos e religiosas, leigos e leigas. Aos bispos, o Papa chama-os explicitamente a fugir do clericalismo e lembra-lhes que dizer não aos abusos, quer de poder quer de qualquer outro tipo, significa dizer não à força a todo o tipo de clericalismo. Ao mesmo tempo, enfatizou repetidamente nos seus discursos a leigos e leigas que também eles devem ter muito cuidado com esta tentação. Aceitemos então o apelo do Espírito para nos convertermos à experiência e vivência sinodal neste tempo de graça que é a Assembleia Eclesial e o seu processo de preparação.*

VALE A PENA RECORDAR QUE “ENTRAMOS TODOS NA IGREJA COMO LEIGOS”, DESDE O PRIMEIRO SACRAMENTO QUE RECEBEMOS E QUE “SELA A NOSSA IDENTIDADE PARA SEMPRE É O BATISMO” (CV 98).



h) Em direção a uma Igreja itinerante e sinodal, caminhando por novos caminhos.

36. Há um desejo crescente de crescer em sinodalidade, porque significa caminhar juntos em corresponsabilidade com o futuro da nossa Igreja. Há muitos sinais que nos convidam a uma autêntica conversão pastoral que abre caminhos para uma maior participação de todo o Povo de Deus na vocação comum de assumir a vida e a missão da nossa Igreja.

37. Para isso, como discípulos missionários, precisamos de *“uma conversão à experiência sinodal”* (SA DF, 88). Requer a vontade de todos de *“fortalecer uma cultura de diálogo, de escuta recíproca, de discernimento espiritual, de consenso e comunhão para*

encontrar espaços e caminhos de decisão conjunta e responder aos desafios pastorais” (SA DF 88). Deste modo avançaremos *“para uma Igreja participativa e corresponsável, capaz de valorizar a riqueza da variedade que a compõe, acolhendo com gratidão também a contribuição dos fiéis leigos, incluindo jovens e mulheres, a da vida consagrada feminina e masculina e a de grupos, associações e movimentos”* (CV 206). Na prática da sinodalidade enriquecemo-nos e encorajamo-nos mutuamente na fé, *“aprendendo uns com os outros”* (CV 207). Desta forma, *“podemos refletir melhor aquele maravilhoso poliedro que deve ser a Igreja de Jesus Cristo”* (VC 207).



II. DO ENCONTRO COM JESUS CRISTO, A VIDA DOS NOSSOS POVOS É ILUMINADA (ILUMINAR).

A. Lemos os sinais dos tempos como discípulos missionários.



38. Um eixo fundamental do discipulado e da proposta missionária é a proclamação da Vida nova em Cristo e o estabelecimento do Reino (cf. DA 367) sob a perspectiva de uma “evangelização integral” (DA 176). Dar testemunho e anunciar a Boa Nova não é uma ação que visa apenas entregar uma mensagem espiritual ou religiosa, mas implica também uma opção por todas as dimensões da vida para que todos a possam ter e em abundância (cf. Jo. 10, 10).

39. Aparecida centrou a sua proposta pastoral no discipulado missionário, tendo como fundamento que a condição de discipulado flui de Jesus Cristo como sua fonte, através da fé e do Batismo, e cresce na Igreja (Cfr. DA 184).

40. O chamado para ser discípulo implica ser convocado para estar intimamente unido a Jesus (Cfr. DA 131). O início do discipulado, portanto, está numa pessoa, Jesus Cristo, que sai ao encontro de homens e mulheres para ser conhecido, para dar um horizonte pleno à vida e revelar a plenitude do amor divino e humano. Quando a pessoa chega a este encontro de fé (cf. DA 243), à compreensão vital deste amor pessoal “ao extremo”, “*não pode deixar de responder a este amor a não ser com um amor semelhante: ‘Seguir-te-ei para onde quer que fores (Lc. 9:57)’*” (DA 243).

41. O projeto de vida do discípulo concretiza-se na prática do novo mandamento do amor, testemunhado por Jesus que, sendo

Deus “com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana (23), amou com um coração humano... tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado” (GS 22). Este é o sinal distintivo de cada seguidor e também da Igreja, cujo testemunho de

caridade fraterna será a principal e primeira proclamação (cf. DA 138). Como afirma o Vaticano II “aquele que segue Cristo, o homem perfeito, torna-se mais homem” (GS 41). O discipulado, portanto, é um caminho de conhecimento de Cristo e de realização existencial, cujo fruto é uma nova forma de ver, ser e viver.



1. Crescer no seguimento de Jesus.

42. Em 2007, o horizonte da V Conferência Episcopal era claro: encorajar os cristãos, de qualquer estado ou condição, a crescer no seguimento de Jesus Cristo através de um caminho de formação integral que permita

o desenvolvimento da sua dimensão missionária. Este impulso encontra as suas motivações na intenção de reforçar a identidade do discípulo num contexto plural de “confusão generalizada” (cf. DA

10), em que cada cristão é confrontado diariamente para discernir e renovar a sua opção por Jesus Cristo (cf. DA 14).

43. O seguimento, porém, supõe também um convite à conversão, entendido como um processo permanente e integral (cf. DA 382). Certamente há uma primeira e fundamental conversão, mas esta deve ser acompanhada por “conversões sucessivas” que renovam a vida do discípulo a partir de um encontro cada vez mais profundo e vital com Jesus Cristo. Assim, gradualmente este caminho de conversão ao Senhor e ao seu projeto de Reino (cf. DA 226a) traduz-

se numa ruptura com “o passado” e num reforço da *práxis* cristã, ou seja, de “fazer” como Jesus (cf. DA 491). Não basta chamar-se cristão, conhecer a doutrina e realizar as práticas fundamentais da religião ou da caridade, se isto não se traduzir num esforço pessoal para crescer em fidelidade à pessoa de Jesus, ao seu modo de vida, ao seu trabalho e à sua justiça.

44. Em suma, o discípulo de Jesus Cristo mostra-se autenticamente como tal quando assume a missão e o destino do Mestre, comunicando a sua Vida e colocando-se ao seu serviço na plenitude do que ela significa.



EM 2007, O HORIZONTE DA V CONFERÊNCIA EPISCOPAL ERA CLARO: ENCORAJAR OS CRISTÃOS, DE QUALQUER ESTADO OU CONDIÇÃO, A CRESCER NO SEGUIMENTO DE JESUS CRISTO

B. Como discípulos missionários, estamos ao serviço da vida.

45. A proposta de Aparecida é orientada por um sentido alegre, esperançoso e “em saída”, onde o anúncio missionário é a comunicação simples e inevitável da novidade de Jesus Cristo, deixando o próprio conforto e a ousadia de alcançar todas as periferias que necessitam da luz do Evangelho (cf. EG 20). Neste sentido, a proposta missionária de

Jesus Cristo é comunicar “*uma vida plena para todos*” (DA 361) e a missão dos que o seguem será dar com as suas palavras e testemunhar este dom. Isto implica uma identificação cada vez maior dos discípulos com Cristo, para poder dizer com as palavras de Paulo: “*Não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim*” (Gal. 2:20).



46. A Vida oferecida por Cristo, que inclui a plenitude da existência humana nas suas dimensões pessoal, familiar, espiritual, social e cultural (cf. DA 13), concretiza-se numa opção preferencial pelos pobres, no enfrentamento do desafio da miséria, dos excluídos e da transformação *“das estruturas, especialmente as que criam injustiça”* (DI

a uma instituição, mas antes e sobretudo de uma resposta ao mandato de Jesus Cristo (cf. Mt 28,18-20) e porque os discípulos, de um excesso de gratidão e de alegria, querem partilhar a vida que flui do encontro com Cristo, querem dar o maior tesouro que têm para que todos possam participar nessa vida plena que tem um horizonte sobrenatural.

2. A missão, um movimento “em saída”.

48. A missão é um movimento “em saída” em favor da vida, é a extroversão dessa experiência que inicia o discipulado, que transformou a existência do discípulo e que o impele a sair ao encontro de pessoas, famílias, comunidades e povos para comunicar e partilhar Cristo que encheu as suas vidas de sentido, verdade e amor, alegria e esperança (cf. DA 548).

49. Juntamente com este passo insubstituível, a proposta de *Aparecida* enfatiza outros elementos inerentes à ação missionária, relacionados com a proclamação integral do Evangelho, como por exemplo: a atração pelo encontro com Cristo, e pelo discipulado, com a alegria e felicidade da fé, irradiando o testemunho *“de proximidade que entranha proximidade afetuosa, escuta,*

4); no compromisso de cuidar do casamento e da família (cf. DA 431-475) e da evangelização das diversas culturas dos nossos povos (cf. DA 476-480).

47. A missão, portanto, não decorre de um zelo proselitista ou propagandista, nem de uma dialética dos salvos e dos condenados, nem de um desejo de suscitar fiéis aderentes a um sistema ou

humildade, solidariedade, compaixão, diálogo, reconciliação, compromisso com a justiça social e capacidade de compartilhar, como Jesus fez” (DA 363); outro elemento é a proclamação explícita de uma vida digna para todos, sendo promotores de libertação de toda a escravatura e protagonistas da “globalização da dignidade”, para que os excluídos possam passar para condições mais humanas, e finalmente, há o trabalho concreto de transformação das estruturas em vista do Reino de Deus, procurando “chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se

apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação” (EN 19).

50. Assim, tudo o que é humano tem ressonância no coração dos seguidores de Jesus. É por isso que compreendemos que a evangelização integral de todos os povos está no horizonte da missão. A Igreja e cada um dos discípulos (cf. DA 358) são chamados a proclamar o Reino irradiando nos seus ensinamentos, nas suas orientações éticas, nas suas normas e em toda a sua atividade, a “*atrativa oferta de uma vida mais digna, em Cristo, para cada homem e para cada mulher da América Latina e do Caribe*” (DA 361), o que implica um dinamismo de conversão, humanização, reconciliação e inserção social (cf. DA 359).



3. Evangelização, promoção humana e libertação autêntica.



ta terra. A missão, nesta perspectiva, desenrola-se num caminho de libertação em que são reconhecidos pelo menos três níveis que devem ser simultâneos: um religioso, o mais profundo, que visa a libertação do pecado, que quebra a amizade com Deus e isola dos

51. A evangelização *“andou sempre de mãos dadas com a promoção humana e a autêntica libertação cristã”* (DI 3), porque a fé *“ilumina a vida da sociedade, colocando todos os acontecimentos em relação à origem e destino de tudo no Pai que nos ama”* (LF 55). Com esta premissa, a missão de comunicar a Vida está orientada para uma verdadeira libertação integral de todos os oprimidos, ou seja, dos pecadores, dos pobres, dos excluídos e, em geral, de todos os crucificados nes-

outros (nível de reconciliação); um antropológico, que se refere à libertação dos agentes que produzem a alienação cultural (nível de humanização); e um socioeconómico e político, que procura a libertação das causas que geram a opressão (nível de reinserção social) (Cfr. DA 359).

52. A opção preferencial pelos pobres expressa aquela solidariedade que é própria e distintiva da fisionomia latino-americana



A EVANGELIZAÇÃO “ANDOU SEMPRE DE MÃOS DADAS COM A PROMOÇÃO HUMANA E A AUTÊNTICA LIBERTAÇÃO CRISTÃ” (DI 3)

ANÚNCIO E DENÚNCIA NÃO SÃO SUFICIENTES SE NÃO FOREM ACOMPANHADOS, DE ACORDO COM AS REALIDADES E POSSIBILIDADES, POR UMA OFERTA CONCRETA DE CRIAÇÃO OU TRANSFORMAÇÃO



(Cfr. DA 391). Aparecida, em continuidade com as outras Conferências, e seguindo a linha traçada pelo Pontífice, afirma que esta opção nasce da *“nasce de nossa fé em Jesus Cristo, o Deus feito homem, que se fez nosso irmão”* (DA 392) e que testemunha de forma vital um amor prioritário pelos mais pobres. Ao mesmo tempo abre a janela, alargando e diversificando esta opção referindo-se aos “novos rostos” dos pobres utilizando a categoria “excluídos”. Entre estes últimos encontram-se, por exemplo, migrantes (cf. DA 411), crianças sujeitas a violência e forçadas a viver e trabalhar na rua (cf. DA 429), toxicodependentes (cf. DA 422), presos detidos em condições desumanas (cf. DA 427) e os excluídos devido ao seu analfabetismo tecnológico (cf. DA 402).

53. De Aparecida, surgem alguns traços que nos permitem identificar quando uma estrutura é saudável ou justa. É entendida como aquela que ajuda a consolidar uma ordem social, econômica e política em que não há desigualdade e onde há possibilidades

para todos (cf. DA 358), que promove uma autêntica convivência humana (cf. DA 384) e facilita o diálogo construtivo (cf. DA 384), que manifesta uma opção clara para os mais pobres e necessitados (cf. DA 446e), que é inclusiva (cf. DA 484) e, finalmente, que está ao serviço da vida plena (cf. DA 537).

54. Neste contexto, e tendo em conta que o discípulo pode efetivamente servir a vida digna e plena para todos e em todas as suas dimensões (Cfr. DA 358), surge o desafio e a missão de desenvolver estruturas mais justas e de transmitir os valores sociais do Evangelho. Com efeito, os discípulos, de preferência os leigos, que desempenham a sua missão no seu trabalho quotidiano no mundo, com o seu testemunho e a sua atividade, devem contribuir para a criação de estruturas segundo os critérios do Evangelho (cf. DA 210). Anúncio e denúncia não são suficientes se não forem acompanhados, de acordo com as realidades e possibilidades, por uma oferta concreta de criação ou transformação.

III. NO CAMINHO DA CONVERSÃO PESSOAL, COMUNITÁRIA E SOCIAL (AGIR).

A. Como discípulos missionários, somos chamados a percorrer novos caminhos.

55. A Vida Plena que nos é dada em Jesus Cristo; Vida Plena de e para os nossos povos, e nos discípulos missionários, é o tema central do Documento de Aparecida uma vez que “*a Igreja tem como missão própria e específica comunicar a vida de Jesus Cristo a todas as pessoas*” (DA 386). É urgente fazê-lo (cf. DA 389) do ser missionário e evangelizador

da Igreja (cf. EN 14), expresso numa pastoral integral e integradora que “*deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais (...) nenhuma comunidade deve se isentar de entrar decididamente, com todas suas forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé*” (DA 365).

1. O apelo a uma ecologia integral.

56. Este processo evangelizador não negligencia a criação como um dom de Deus a ser cuidado, e onde devemos “*entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum*” (LS 3). Devemos dar graças a Deus pelo dom da criação, pela biodiversidade e pela sócio diversidade que dela brotam; pela sua capacidade de gerar vida; mas devemos também protegê-la, dando prioridade aos povos indígenas e às suas riquezas culturais, promovendo o reconhecimento e a legalização dos seus territórios (cf. DA 86), bem

como denunciando tudo o que maltrata e ameaça a sua vida. Hoje, mais do que nunca, nós discípulos missionários devemos viver com os nossos povos a conversão ecológica “*para descubram o dom da criação, sabendo contempla-la e cuidar dela como casa de todos os seres vivos e matriz da vida do planeta*” (DA 474a).

57. Como discípulos missionários, inspirados pela fé, devemos gerar harmonia na nossa relação com o nosso próximo e com a terra.



COMO DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS, INSPIRADOS PELA FÉ, DEVEMOS GERAR HARMONIA NA NOSSA RELAÇÃO COM O NOSSO PRÓXIMO E COM A TERRA



Isto é feito através da promoção de uma ecologia integral, uma vez que tudo está intimamente relacionado, particularmente “natureza e sociedade”, de modo que *“não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental”* (LS 139); desta forma a ecologia integral abraça a vida quotidiana, a económica, a cultural e a social, através da construção de um novo paradigma de justiça

e do bem comum a partir da lógica do dom (Cfr. LS 157- 159). O cuidado pela criação depende de uma conversão pessoal de cada ser humano. O Papa Francisco diz-nos a este respeito que *“não haverá uma ecologia sã e sustentável, capaz de transformar seja o que for, se não mudarem as pessoas, se não forem incentivadas a adotar outro estilo de vida, menos voraz, mais sereno, mais respeitador, menos ansioso, mais fraterno”* (QA 58).

2. Para uma economia solidária, sustentável e ao serviço do bem comum.

58. Os nossos povos só podem desenvolver-se a partir de uma economia com um “rostro humano” e solidário, que coloque o ser humano e a sua dignidade no centro e não lu-

cre ou ganhe como tem sido até agora, onde a eficiência e a produtividade têm sido absolutizadas como *“valores reguladores de todas as relações humanas”* (DA 61). O Papa

Francisco disse: “*não a uma economia da exclusão e da desigualdade social. Esta economia mata*” (EG 53); também não é sustentável uma economia que dê prioridade ao lucro máximo à custa de muitas pessoas e da natureza; uma economia que estimule o consumo desenfreado e, assim, afete seriamente os frágeis equilíbrios ecológicos. Desta forma, contribui para o avanço cada vez mais rápido das alterações climáticas e dos seus impactos desastrosos, especialmente na vida dos mais empobrecidos e vulneráveis. É necessário “*promover uma justa regulação da economia, das finanças e do comércio mundial*” (DA 406c), de modo a que o bem comum global seja construído a partir de uma ética de relações económicas que promova oportunidades para todos, especialmente para os mais despossuídos. Isto implica, ao mesmo tempo, os cuidados da nossa casa comum.

59. Como discípulos missionários, somos chamados a acompanhar solidariamente as muitas comunidades afetadas por práticas extrativistas, manifestadas em projetos



mineiros, hidrocarbonetos, hidroelétricos e agroindustriais em toda a América Latina e Caribe, para que os princípios acima mencionados possam ser respeitados pelos Estados e empresas. Uma parte importante da nossa missão é trabalhar em conjunto com outros atores para abrir espaços de diálogo em termos de igualdade, sobre os conceitos de desenvolvimento e progresso, à luz de uma ecologia integral. Somos chamados na América Latina e no Caribe a reafirmar o nosso compromisso, sendo aliados dos povos e comunidades nas suas lutas pacíficas para salvaguardar os seus territórios com as suas florestas, rios e outras fontes de água, bem como para um desenvolvimento justo, solidário e sustentável.

3. Discípulos comprometidos com uma cultura de paz.

60. Como discípulos missionários de Jesus, não podemos ficar indiferentes perante estes diferentes tipos de violência que afetam especialmente as pessoas mais indefesas e desprotegidas. Existe um grande risco nas nossas sociedades de nos “habituar” a níveis elevados de violência e de já não nos sentirmos ultrajados por eles. No seu vídeo mensagem para a intenção de oração do mês de fevereiro de 2021, o Papa denuncia “a violência psicológica, a violência verbal, a violência física, a violência sexual” a que muitas mulheres estão expostas, e afirma

categoricamente que esta violência é “*uma cobardia e uma degradação para toda a humanidade*”. Face aos diferentes tipos de violência, somos chamados a trabalhar com maior força na prevenção e gestão pacífica dos conflitos, na mediação entre as partes em conflito e numa educação para a paz e a não-violência ativa. Tudo isto requer uma maior consciência nas nossas sociedades de “*quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância*” (FT 108). Esta é uma dimensão primordial da nossa missão.



4. As novas tecnologias, as suas grandes contribuições e os seus riscos.

61. Nós, discípulos missionários, fazemos cultura e vivemos no meio da cultura de hoje, razão pela qual Aparecida refletiu sobre a globalização como um fenómeno integral. Hoje, para além disto, é essencial referir-se aos novos avanços tecnológicos, especialmente no campo da comunicação. Este desenvolvimento permite-nos estar conscientes do que está acontecendo em tempo real, e esta percepção instantânea nem sempre é acompanhada de um discernimento adequado. A consequência disto é que, sem estarmos plenamente conscientes disso, estamos expostos a uma verdadeira colonização cultural que toca todos os aspectos da nossa vida (cf. DA 46).

62. Na era da globalização, estamos assistindo a um aumento da desorientação, solidão e perda de sentido. Por esta razão, o desafio de saber dialogar, discernir e agir de modo a tornar visível a mensagem do Evangelho, e para o fazer também utilizamos os meios digitais. A Igreja está cada vez mais presente no espaço virtual, por exemplo, acompanhando processos de luto, alimentando a fé e a esperança em tempos difíceis com a celebração da Eucaristia, orações e reflexões, motivando o cuidado mútuo. A continuidade da formação na fé e no trabalho pastoral e social tem sido possibilitada pelos meios de comunicação social através de cursos, painéis e conversas onde diversas realidades são reunidas numa única tela; desta forma as telas são

transformadas em espaços de amizade social com compromisso global. Ao mesmo tempo, esta realidade revela assimetrias económicas e sociais que se manifestam na facilidade ou dificuldade de acesso a estes meios.



5. Em direcção a uma maior interculturalidade e inculturação.

63. É necessário promover e avançar para a interculturalidade, *“onde a diversidade não significa ameaça, não justifica hierarquias de um poder sobre outros, mas sim diálogo a partir de visões culturais diferentes de celebração, de inter-relacionamento e de reavivamento da esperança”* (DA 97). A nossa fé apela a *“nos sentarmos à mesa comum, lugar de diálogo e de esperanças compartilhadas. Deste modo a diferença, que pode ser uma bandeira ou uma fronteira, transforma-se numa ponte”* (QA 37). Isto leva-nos a considerar *“uma cultura do partilhar em todos os níveis”* (DA 540), um cuidado pastoral que vai ao encontro, ou como bem expressa o Papa Francisco, *“uma cultura de encontro”* para

se sentir com o outro, saindo de si próprio para se entregar aos mais necessitados, particularmente nas periferias existenciais, com os migrantes e com os rostos dos que sofrem (cf. DA 402; 65; 393).

64. Ligado ao acima exposto está o crescente desafio à inculturação que nos convida a reconhecer a pluralidade de realidades e, ao mesmo tempo, a reconhecer que *“um cristianismo monocultural e monocórdico”* (QA 69) não se harmoniza com a lógica da encarnação. A fé torna-se cultura em muitas culturas, e nelas é capaz de se expressar de formas diferentes sem perder a unidade essencial que a torna a mesma fé, mas aceite e expressa em diferentes povos.



A IGREJA ESTÁ CADA VEZ MAIS PRESENTE NO ESPAÇO VIRTUAL, POR EXEMPLO, ACOMPANHANDO PROCESSOS DE LUTO, ALIMENTANDO A FÉ E A ESPERANÇA EM TEMPOS DIFÍCEIS COM A CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA

6. Velar pela democracia, que ainda é frágil nos nossos países.

65. Apesar dos avanços na participação política e social, na nossa região *“a convivência harmónica e pacífica está se deteriorando gravemente em muitos países”* (DA 78), a violência está crescendo, o institucionalismo

está se perdendo, há uma violação flagrante dos direitos humanos e *“alguns parlamentos ou assembleias legislativas aprovam leis injustas contra os direitos humanos e a vontade popular”* (DA 79).

66. Devemos tomar consciência da necessidade de “reabilitar a política” porque é “*uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas de caridade, porque busca o bem comum*” (FT 180). A política não pode estar acima do povo, mas deve estar ao serviço do povo, dos seus interesses e necessidades, daí a importância de viver a caridade política, o que implica abertura a todos e onde a ternura tem um lugar privilegiado, que ajudará a superar uma visão instrumental da política, para entrar na união do “*a esperança, a confiança nas reservas*

de bem que, apesar de tudo, existem no coração do povo” (FT 196).

67. A participação no reforço do tecido social é própria dos cristãos na medida em que somos corresponsáveis pelo bem comum. Portanto, é uma tarefa urgente para nós participar e trabalhar para a maturação dos sistemas políticos e sociais dos nossos povos, contribuindo com a seiva do Evangelho para que os sistemas políticos possam estar verdadeiramente ao serviço das pessoas e do seu desenvolvimento integral.



7. Rumo a uma renovação eclesial.

68. Vale a pena recordar aqui que Aparecida propõe a necessidade de entrar numa profunda renovação pastoral a fim de “*confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e*

missionários” (DA 11). Esta conversão implica fazer as necessárias “*reformas espirituais, pastorais e também institucionais*” (DA 367), de modo a passarmos de “*uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária*” (DA 370). Em muitos casos, isto exigirá que nos abramos a

UMA IGREJA SINODAL ESTÁ ABERTA A SENTIR OU INTUIR A FÉ (SENSUS FIDEI),

novas formas e estruturas que facilitem uma maior comunicação e trabalho em rede, bem como um maior dinamismo missionário.

69. Nós, discípulos missionários, devemos viver em comunhão (cf. DA 154-163) e abertura sinodal, o que implica viver em inter-relação com os outros, porque *“Deus atrai-nos, no respeito da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana supõe”* (EG 113). Ele pede-nos para caminharmos juntos, assumindo responsabilidades eclesiais, principalmente na área da missão, onde *“cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e se-*

ria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações” (EG 120). Isto implica que todo o Povo de Deus é chamado a proclamar o Evangelho, com base numa *“evangelização integral”* (DA 176).

70. Uma Igreja sinodal está aberta a sentir ou intuir a fé (sensus fidei), que é um tipo de instinto espiritual que nos permite sentir com a Igreja e discernir o que está em conformidade com a fé apostólica e o espírito do Evangelho. Como o Papa Francisco expressou bem no seu discurso ao Conselho Episcopal Latino-Americano a 13 de julho de 2013: *“o rebanho possui o seu próprio olfato para discernir os novos caminhos que o Senhor pro-*

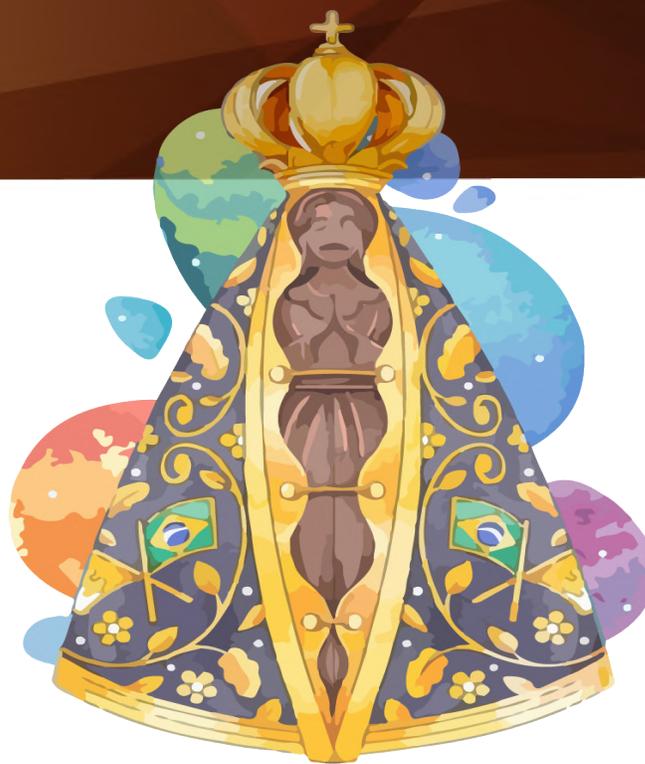
põe à Igreja”. A sinodalidade eclesial é um sinal da corresponsabilidade de todo o Povo de Deus na construção do seu Reino, através de uma Igreja que se apresenta como *“a comunidade de discípulos missionários que «primeireiam», que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam”* (EG 24).



CONCLUSÃO

71. Hoje mais do que nunca é vital que, como Povo de Deus, discernamos novos caminhos através do encontro e do diálogo comunitário. Convidamos-vos a caminhar juntos como discípulos missionários sabendo que: *“Há carismas diferentes, mas o Espírito é o mesmo. Existem serviços diferentes, mas o Senhor é o mesmo. Há funções diferentes, mas é o Deus que trabalha em tudo. A cada um Deus dá a manifestação do Espírito em benefício de todos”* (1 Cor. 12,4-7). Encorajamos-vos a contribuir com a riqueza dos vossos dons, com as vossas reflexões, observações e propostas inovadoras para o discernimento comum, exercendo a corresponsabilidade como membros do Povo de Deus para que os nossos povos possam ter vida. Abrimo-nos à escuta do Espírito que nos convida à conversão pessoal e comunitária, para discernir novos caminhos para a presença da Igreja e a sua renovação missionária (Cfr. DA 365 e 372). Tenhamos em mente que este caminho tem consequências para as nossas formas de compreender e de pôr em prática a pastoral, abrindo-nos a novos critérios, métodos e formas.

72. Ao discernir juntos os novos caminhos, não é suficiente ter boas intenções, que são certamente importantes, mas também precisamos de refletir sobre os meios que precisamos de pôr em prática e que medidas concretas precisamos



de tomar para pôr em prática essas intenções. Jesus recorda-nos a importância disto na sua imagem da construção da torre (cf. Lc 14,28): devemos prever os meios e planejar com um sentido de responsabilidade comum, para que não só estabeleçamos uma base sólida, mas, com a graça de Deus, possamos também completar a construção que começámos.

73. Tenhamos plena confiança na audácia do Espírito que nos exorta a percorrer novos caminhos para nos tornarmos cada vez mais discípulos missionários. Caminhemos como Povo de Deus em direção à Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, encontrando formas e momentos para celebrar a presença de Deus nas nossas vidas.

Nossa Senhora de Aparecida, rogai por nós.
Nossa Senhora de Guadalupe, rogai por nós.



Direitos reservados
Conselho Episcopal Latino-americano
Carrera 5 N° 118 - 31 - Bogotá D.C. (Colombia)

Desenho gráfico
Departamento de Imprensa da Conferência do Episcopado Mexicano



<http://assembleaeclesial.lat>



<https://facebook.com/assembleaeclesial>



<https://instagram.com/assembleaeclesial/>



<https://twitter.com/AEclesial>



assembleaeclesial@celam.org

Abril de 2021